

SABERES E APRENDIZAGENS NO MUNDO INSULAR: UMA REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES DO SOME EM ABAETETUBA/PA

KNOWLEDGES AND LEARNINGS IN THE ISLAND WORLD: A REFLECTION ON PEDAGOGICAL PRACTICES OF SOME'S TEACHERS IN ABAETETUBA / PA

Merian Nascimento de Abreu **1**
Eliana Teles Rodrigues **2**

Resumo: O artigo aborda as experiências pedagógicas desenvolvidas na educação básica, em uma realidade concreta que se manifesta nas ilhas e florestas do município de Abaetetuba no Estado do Pará, no intuito de refletir sobre práticas pedagógicas direcionadas a realidade dos educandos. A metodologia baseou-se na perspectiva da investigação-ação (TRIPP, 2005), na qual foram utilizadas técnicas de pesquisa já consagradas, como observação, planejamento, ação, descrição das práticas e avaliação, permitindo aos demais agentes envolvidos – educandos e pais –, acrescentarem sua autoria na construção do saber, com fins a uma perspectiva mais significativa na forma de conhecer e apreender o mundo. Assim, a natureza da pesquisa traz uma abordagem qualitativa, cujos dados priorizam o território dos educandos, como espaço de aprendizagem, tendo-se em conta o caráter uno e plural da experiência humana nas diferentes formas de organização espacial e societária.

Palavras-chave: Aprendizagem na Prática. Educação do campo. Amazônia.

Abstract: The article addresses pedagogical experiences developed in basic education, at a concrete reality that manifests itself into islands and forest of the county of Abaetetuba in the State of Pará, in intent to think over about pedagogical practices directed to students' reality. The methodology was based on perspective investigation-action (TRIPP, 2005), in which already consecrated research techniques were used, such as observation, planning, action, practices description and evaluation, allowing others involved agents – students and parentes –, increase their autorship in knowledge construction, with purpose to a more significant perspective on how to know and learn the world. So, search nature brings a qualitative approach, whose data prioritize the students' territory, as a learning space, taking into account the one and plural character of human experience in different forms of spatial and societal organization.

Keywords: Learning in Practice. Rural Education. Amazon.

Geógrafa e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI/UFPA). Professora da Secretaria Estadual de Educação do Pará (SOME Abaetetuba). Especialista em Educação do Campo e Extensão Rural pela Universidade Federal (UFPA), Câmpus Universitário de Abaetetuba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5981320356320708>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9613-8746>. E-mail: merianabreu@gmail.com **1**

Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará. Professora da Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI/UFPA), Câmpus Universitário de Abaetetuba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8360730445815109>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6717-3174>. E-mail: elianteles@yahoo.com.br **2**

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre práticas pedagógicas de professores da educação básica que a partir de suas experiências de ensino criaram o projeto Diversidade do Mundo Amazônico (DIMUAMA), desenvolvido por uma equipe de professores do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) no Município de Abaetetuba (PA), a fim de apresentar uma proposta de educação, cujo mote partisse do mundo vivido nas comunidades ribeirinhas do município, o qual se encontra imerso na diversidade sociocultural da região Amazônica.

O SOME foi implantado no Estado do Pará no ano de 1980, com o objetivo de levar a educação básica às comunidades rurais longínquas do estado. No município de Abaetetuba foi implantado em meados de 1996, atendendo o Ensino Fundamental e Médio, e atualmente está presente em 21 comunidades ribeirinhas, com aproximadamente 2.700 alunos.

Como modalidade de ensino, o SOME funciona em quatro módulos durante o ano letivo, agrupando as disciplinas afins que, durante 50 dias, concentram suas atividades referentes ao ano. As equipes organizam as atividades de modo a garantir a aprendizagem levando em consideração o currículo formal, o qual é apresentado pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC). No entanto, o educador tem autonomia para construir, a partir da realidade percebida e vivenciada pelo educando, um currículo que atenda as expectativas e necessidades locais e dê sentido a aprendizagem.

O projeto DIMUAMA¹ foi elaborado no intuito de construir um currículo real que contemple os saberes, sabores, cultura e cores das ilhas de Abaetetuba, para que os conteúdos propostos no currículo, tivessem significado para os educandos e os contemplem como sujeitos reais e construtores de conhecimentos e não meros expectadores de abordagens e conteúdos elaborados a partir de uma visão exógena à sua realidade. Especificamente enfocamos neste artigo experiências de pesquisa e a prática pedagógica.

O projeto foi desenvolvido em oito comunidades ribeirinhas do Município de Abaetetuba, sendo quatro no ano letivo de 2016 e quatro durante o ano letivo de 2017, abrangendo diversas localidades na parte insular, a qual compõem a maior extensão territorial do município, cortada pelos rios: Guajará de Beja, Sapucajuba, Caripetuba, Rio da Prata, Rio Doce, Xingu, Panacuera e Sirituba.

Neste artigo, enfocaremos as experiências pedagógicas que foram desenvolvidas em duas edições que aconteceram no Rio Xingu (ao norte) e no Rio Panacuera (ao sul), da região insular do município de Abaetetuba, no intuito de refletir sobre práticas pedagógicas direcionadas a realidade dos educandos. Nesse sentido, consideramos que viver, perceber e aprender a diversidade amazônica é essencial dentro da proposta educacional voltada às pessoas do campo. Ao considerarmos o contexto sociocultural e geográfico onde essas experiências foram mapeadas, adotamos o termo campo, não como contraponto a cidade, mas para marcar uma realidade concreta que se manifesta nas ilhas e florestas do Estado do Pará e das diversas comunidades rurais que apresentam marcante diversidade ambiental, social, econômica e cultural.

A metodologia que orientou a proposta baseou-se na perspectiva da investigação-ação no sentido aplicado por Tripp (2005, p. 446), na qual foram utilizadas técnicas de pesquisa já consagradas, como observação, planejamento, ação, descrição das práticas e avaliação, permitindo aos demais sujeitos envolvidos – educandos e pais –, acrescentarem sua autoria na construção do saber, com fins a uma perspectiva mais significativa na forma de conhecer e apreender o mundo. Assim, a natureza da pesquisa traz uma abordagem qualitativa, cujos dados se referem aos registros em forma de relatórios dos docentes, cadernos escolares e a análise das atividades vivenciadas dentro e fora da sala².

Este artigo está assim organizado na seguinte estrutura: após esta breve introdução,

1 Em 2016, a primeira autora deste artigo, em parceria com a professora Tatiana Ribeiro Monteiro criaram o projeto Diversidade do Mundo Amazônico (DIMUAMA), tendo como colaboradores, os professores Edinaldo Costa e Roseildo da Costa Farias. Juntos buscam realizar uma das metas do projeto, que é a prática da interdisciplinaridade entre as disciplinas Artes, Estudos Amazônicos, Filosofia, Geografia e Sociologia.

2 A divulgação do resultado do trabalho está alicerçada no dispositivo da lei 9.610 de 19.2.1988, sendo que as imagens aqui utilizadas, foram autorizadas previamente pelos pais dos educandos.

descrevemos as características do contexto socioambiental e cultural onde DIMUAMA foi aplicado, discutindo as principais categorias que o norteiam: saber local, educação do campo, ecologias em movimento; seguidamente passamos a descrição e discussão das ações realizadas no contexto escolar e o reflexo dessas ações na comunidade, por fim passamos às considerações finais.

Aprendizagens do/no mundo insular e seus reflexos nas práticas educacionais

Ao longo da história, as comunidades ribeirinhas do município de Abaetetuba, em seus contextos de vida específicos, desenvolvem atividades alternativas de produção da existência mediadas por elementos culturais que envolvem produção de saberes e identidades culturais que nos confrontam com novas configurações de conhecimento e poder e, conseqüentemente, com processos de descolonização do saber (CASTRO-GÓMEZ, 2005). Portanto, chamamos atenção também, para a necessidade de se reconhecer a diversidade dos conhecimentos socioculturais, com intuito de descolonizar a produção hierárquica do conhecimento.

Contudo, tanto na Amazônia quanto na sociedade, todas essas formas alternativas de produção da existência são desvalorizadas, tal como os sujeitos que as praticam, porque a ciência e a tecnologia foram eleitas como formas de saberes superiores aos demais (SANTOS 2010). Por esse motivo, os sujeitos que praticam essas atividades, compõem aquilo que Arroyo (2012, p. 25) chama de “outros sujeitos”, que por não se adequarem ao modelo dominante de exploração de recursos extrativistas enraizado a séculos, imposto pelo paradigma dominante (a ciência moderna), criam atividades alternativas de trabalho que favorecem a produção e a reprodução da existência com racionalidades que não se guiam apenas pela lógica do lucro (QUIJANO, 2009).

Estudos sobre povos e comunidades tradicionais da Amazônia demonstram a existência de diversos nichos espaciais identificados e manejados por esses grupos sociais. Juntas, essas sociedades étnicas constituem a memória viva da espécie humana (TOLEDO e BASSOLS, 2008) e também detém um acervo ético-moral, oferecendo assim, outro horizonte de sentido para a vida (PORTO-GONÇALVES, 2014). Mas, em que pese as interações socioambientais, são frequentes as ameaças que esses grupos sofrem, dado processos e modelos desenvolvimentistas projetados e aplicados nesta região, sobretudo na porção do estuário, *locus* desta pesquisa.

No que tange ao conteúdo do currículo oficial, chamamos a atenção para o cuidado com os “esquemas interpretativos” atribuídos à essa região (ALMEIDA, 2008), sobretudo quando se trata de falar do bioma e sua sociodiversidade. É comum, por exemplo, encontrar nos livros didáticos conceitos, tais como “natureza”, “degradação ambiental”, “comunidade”, os quais, arraigados e legitimados no domínio do “senso comum erudito”, na academia, está também presentes nos discursos atuais, “classificando” e influenciando na vida dos grupos étnicos que habitam essa região. Tais interpretações podem ser encontradas nos currículos escolares oficiais, nos livros didáticos e terminam por subsumir as especificidades locais ao contexto global sem, contudo, o problematizarem.

Cada ecossistema constitui nichos de saberes, posto que fruto de uma relação cultural com a natureza, conforma uma sociobiodiversidade, em que a complementaridade entre a diversidade cultural e biológica, englobando também as populações e os ecossistemas, constituem o que Diegues (2005) denomina etnobiodiversidade.

Nas ilhas e várzeas do estuário amazônico, em que a dinâmica das águas comanda o ritmo da vida, constrói-se um uma circulação de saberes, os quais representam identidades culturais, que necessitam ser reconhecidas, pois revelam uma ação de práxis, entendida aqui como um princípio educativo, por implicar uma relação de reciprocidade entre o saber e o fazer e isto está relacionado ao mundo da vida dos sujeitos que aí vivem.

Para compreender tal dinâmica, é necessário romper com “as hierarquias etnocêntricas entre as diversas formas de conhecimento” (VELHO, 2010, p. 22), tanto da ecologia humana quanto ao que diz respeito ao ensino escolar. É, fazer “cultura na prática” (LAVE, 2015, SAHLINS, 2007). E isto diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, pois não há aprendiza-

gem se não houver o emaranhamento à vida político-econômica, às lutas e disputas históricas, às coerências e incoerências (LAVE, 2015), desses sujeitos, para os quais o acesso ao ensino formal, constitui uma de suas maiores lutas.

Assim, o ato de educar no contexto amazônico, é ter em conta, sobretudo, suas especificidades, as desigualdades que marcam a vivência de seus habitantes. O que significa ir além de ideário preservacionista que perpassam o imaginário da nação, pois ao contrário de formarem ecologias estáticas, o que se denota de suas interações socioambientais são “ecologias em movimento” (INGOLD, 2000).

O município de Abaetetuba, localizado no nordeste paraense, na microrregião denominada Baixo Tocantins, apresenta características peculiares à diversidade do ambiente amazônico. Como dito anteriormente, a maior parte do seu território é composta por ilhas com características sociais, econômicas e ambientais diversificadas, que podem ser percebidas em seus diversos recortes mais marcantes, que são os rios, furos e baías.

Os rios, que cortam as áreas de várzeas e a floresta que as cobrem, determinam o ir e vir e transportam a matéria prima entre a baía e a floresta e se transformam em capital natural para as diversas comunidades, que tem no extrativismo sua principal fonte de subsistência e de renda, com destaque para a extração do açaí e a pesca.

Tais características, que poderiam passar despercebidas ou como um apêndice na literatura oficial, tornam-se essenciais no planejamento do calendário escolar local, posto que ambas atividades – pesca e coleta de açaí - tem seu ápice na alta estação do “inverno” e “verão” amazônico³, o que leva os jovens e seus familiares a ficarem ocupados nessas tarefas, a maior parte dos dias letivos, e também maiores responsáveis pela evasão escolar, conforme levantamento feito pelas autoras deste artigo. E tal não seria relevante, se a estatística levantada pelo SOME no município, não demonstrasse significativo número de estudantes nessa modalidade, como se vê no quadro abaixo.

Quadro 1. Alunos matriculados no SOME, em Abaetetuba nos últimos cinco anos.

Ano	Alunos matriculados
2015	2908
2016	2870
2017	2881
2018	2757
2019	2729

Fonte: Sistema Modular de Ensino (SOME), 2019.

Assim, percebemos que há uma diversidade ambiental, econômica e cultural peculiar dessa parte do estuário amazônico, e que deve ser levada em consideração na construção do calendário escolar, na produção do conhecimento, pois isto define e marca o ritmo da vida daqueles que aí vivem. Tal assertiva contribui para a diversificação de abordagens epistemológicas na literatura latino-americana e põem em relevo a realidade social - e por que não educacional - no contexto da Pan-Amazônia, através de proposições acerca de sua sociobiodiversidade, suas conjecturas e como elas têm sido apresentadas enquanto ideias e conceito.

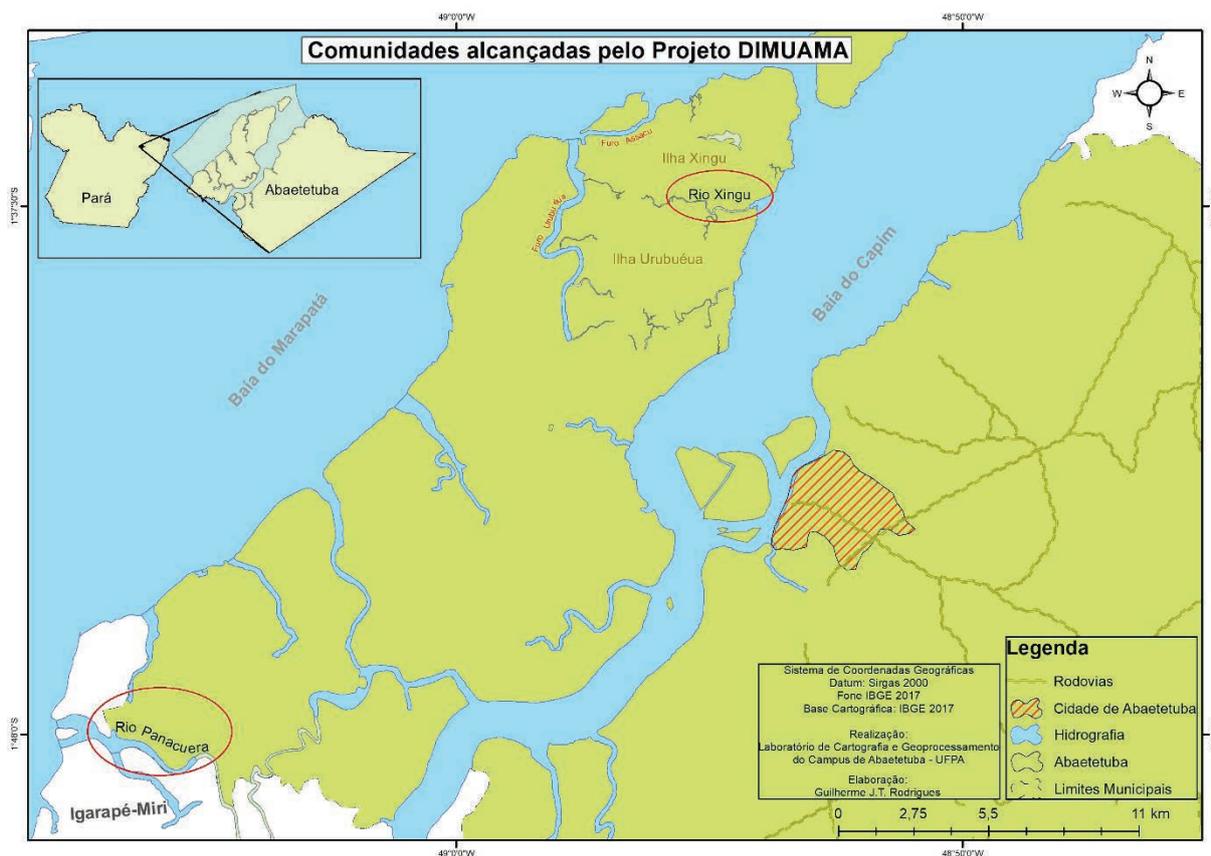
As comunidades selecionadas como fonte empírica deste estudo, apresentam semelhanças típicas das comunidades ribeirinhas da Amazônia, mas com peculiaridades que marcam as relações econômica e social, posto que, no Panacuera predomina a várzea baixa, tendo o açaí e a pesca como produtos principais, ao passo que na várzea alta, como é o caso do rio Xingu, seus moradores podem ainda ocupar-se de atividades agrícolas, como a produção de roças, e outras atividades extrativas. Todavia, os rios são os elementos determinantes na mobilidade e no fluxo da vida, que somados a outros elementos, configuram a diversidade cultural

³ O inverno, corresponde ao período chuvoso, entre os meses de dezembro e maio, nesse período, a pesca é o principal meio de subsistência familiar; no verão, que corresponde ao período de estiagem, o açaí se torna a maior fonte de renda, por isso é comum ocupar todos os membros do núcleo familiar.

da paisagem, manejada a partir de conhecimentos que são transmitidos e atualizados a cada geração. São estes saberes que devem ser considerados no momento de trabalhar o currículo escolar com os educandos, proposta que nos moveu no âmbito do DIMUAMA.

No mapa abaixo, identificam-se as duas localidades geográficas onde se desenvolveram as atividades do projeto, as quais serão melhor explicitadas no tópico seguinte.

Figura 1. Localização das comunidades onde se desenvolveram as duas primeiras etapas do projeto DIMUAMA: rios Xingu e Panacuera.



Fonte: Laboratório de Cartografia Social e Geoprocessamento do Campus Abaetetuba/UFPA, 2019.

As práticas pedagógicas no contexto do DIMUAMA

O DIMUAMA foi elaborado com o objetivo de conhecer a sociodiversidade do mundo amazônico, principalmente das ilhas de Abaetetuba onde funciona o Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), para que pudéssemos oferecer uma educação que de fato tenha significância e aplicabilidade na vida do educando. Assim, buscamos compreender a diversidade social e ambiental e planejar as intervenções pedagógicas interdisciplinares através da pedagogia de projetos, a fim de subsidiar o trabalho docente e, conseqüentemente, melhorar o processo de construção do conhecimento pelo aluno através da pesquisa e vivência em sociedade, respeitando a diversidade cultural de cada um e aceitando o outro com os seus valores, religiosidade, costumes e etnias. Para esse propósito, o currículo deve seguir as premissas dadas por Lima (2011), que o concebe como uma “integração entre os conhecimentos científicos e os saberes populares, entre as experiências educativas existentes nas escolas com as práticas socioeducativas vivenciadas pelos alunos” (LIMA, 2011, p. 7).

As atividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito do projeto que visam conhecer, compreender e valorizar os saberes locais, integrar comunidade escolar e demais atores sociais, e conseqüentemente apresentar à sociedade a produção artística e cultural de nossos

educandos, preparada ao longo do módulo de forma coletiva e contextualizada, na preparação para o efetivo exercício da cidadania e na busca da construção de uma sociedade democrática. Dados os objetivos mencionados anteriormente, destacamos as etapas de execução do projeto: Apresentação do projeto a comunidade; Levantamento bibliográfico realizado em sala de aula de acordo com a disciplina ministrada; Levantamento histórico, cultural, social, geográfico, ambiental e econômico da comunidade realizado pelos alunos sob a coordenação dos educadores envolvidos no projeto; Atividades de campo; Realização de oficinas com os alunos e comunidade; Produção de trabalhos escritos, artesanais, ensaio de danças e de outras manifestações culturais, as quais são apresentadas a comunidade; Produção de alimentos a partir de produtos regionais e por fim, a Culminância do projeto com o *Festival DIMUAMA*, em que são apresentados todos os trabalhos realizados durante o módulo, os quais buscam retratar a integração do conhecimento formal com os saberes locais.

O projeto vem atender uma expectativa do grupo de professores que defendem a construção de um currículo específico para as escolas do campo. Nesse sentido, um currículo que respeite e valorize os saberes locais, a especificidade das comunidades, relacione o local ao global e dê real significado ao processo ensino-aprendizagem. Assim é necessário que o currículo se constitua a partir das experiências locais, dialogando com as tecnologias e saberes que os educandos desenvolvem e vivenciam, em seu espaço de vivência (LIMA, 2011, p. 10).

Todavia, tal proposta não é tarefa simples nem fácil de ser desenvolvida, pois dentre outros tantos, exige compromisso e contato assíduo entre educadores e educandos, ao passo que a operacionalização de cada módulo tem duração de dois meses. Cientes dessas limitações, a proposta de construção de um currículo extraoficial, mas com base nas demandas dos educandos foi elaborado a partir do projeto DIMUAMA, a fim de contribuir de forma mais dinâmica, vinculando assim, a realidade socioambiental dos educandos.

Aprendizagens no Rio Xingu (Ilha Xingu)

Dentre as diversas ilhas e rios que formam a extensão territorial de Abaetetuba, destaca-se a que é cortada pelo Rio Xingu, ocupada por cerca de 150 famílias auto identificadas como comunidade Santo Afonso. Esta comunidade apresenta uma diversidade cultural expressa na diversidade religiosa e nas diversas festividades que ocorrem ao longo do ano na localidade, todas relacionadas ao período da safra do açaí, da pesca e da produção de farinha de mandioca, alimentos essenciais e base da renda doméstica. Essas características peculiares do Rio Xingu foram materiais de base na elaboração do projeto DIMUAMA, para que o processo educacional seja dinâmico, contemple a realidade dos educandos e seja transformador da realidade.

Partindo dessa compreensão, desenvolvemos a edição Rio Xingu no segundo módulo do ano letivo de 2017 na E.M.E.F. Santo Afonso, ilha Xingu. Inicialmente foi realizada uma reunião com a comunidade escolar para apresentação do projeto e justificativa de sua importância na construção de uma proposta de educação contextualizada que respeite e valorize a realidade local e possa ser um instrumento de transformação social. Nesse debate, foi incentivada a participação de todos os membros da comunidade a refletirem sobre a realidade local e, com base nisso, iniciaram as atividades educativas, tendo nos educandos participantes os agentes fundamentais do processo. Desse modo, buscou-se não só valorizar, mas conhecer e reconhecer as práticas sociais dos sujeitos dessa particularidade amazônica (OLIVEIRA, 2012).

Dentro da sala de aula, associamos os conteúdos programáticos das diversas disciplinas trabalhadas durante o módulo à realidade da comunidade. Buscamos trabalhar a história, a cultura, os saberes, as memórias, os fazeres, a religiosidade, a cartografia do lugar, sem perder de vista o diálogo, o respeito e a importância de todos no processo ensino-aprendizagem. As atividades em classe e extraclasse, foram desenvolvidas, associadas com a realidade e integradas nas diversas disciplinas.

A relação e integração com a comunidade aconteceu através de trabalhos de pesquisa sobre a história do lugar, nos quais buscamos, a partir de rodas de conversas e entrevistas com os moradores mais antigos, os fatos e acontecimentos que constituem a memória do povo do

Rio Xingu. Foram semanas de conversas, nas quais muitos reviveram momentos marcantes de suas vidas, se emocionaram em recordar tais fatos, nos dando elementos para compreender a identidade do povo daquele lugar e assim nos forneceram informações que enriqueceram e dinamizaram as aulas. Também foram promovidas oficinas de culinária regional, para a comunidade aprender a fazer ou reviver diversas receitas tendo como matéria prima o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), a mandioca (*Manihot Esculenta* Crantz) e o miriti, (*Mauritia flexuosa*) produtos que fazem parte da cultura milenar da Amazônia e que nos dias atuais, respondem por maior parte da renda familiar.

Em sala de aula, os conteúdos ganharam vida, temas como problemas ambientais do espaço rural amazônico, as atividades econômicas, os conflitos agrários, os elementos da natureza amazônica, a diversidade socioambiental, pontilhismo, dentre outros, passaram a ter outro significado e despertaram nos educandos um interesse maior pelas atividades desenvolvidas tanto em sala de aula, quanto fora do ambiente escolar. As atividades priorizaram a troca de experiências, de saberes e fazeres e a construção de um conhecimento que valorize a cultura, a identidade e as peculiaridades da comunidade. Dessa forma, os educandos deixam de ser meros expectadores de um currículo dissociado de sua realidade e se transformam em sujeitos que constroem coletivamente o conhecimento.

Todavia não se trata de abandonar o currículo formal, ao contrário, a proposta visa destacar dentre o contexto global, as dimensões da realidade social específica dessa região insular do estuário amazônico, cujos conhecimentos, saberes e fazeres são manejados há milhares de anos.

No final do segundo módulo, do ano de 2017, que aconteceu no dia 31 de agosto daquele ano, houve a culminância do projeto com o Festival DIMUAMA – edição Rio Xingu, momento em que foi apresentado à comunidade local e comunidades vizinhas, a produção dos educandos, desenvolvida no decorrer daquele módulo. Essas atividades envolvem trabalhos escritos sobre a história do lugar com as memórias dos tempos de outrora, a cosmologia dos pescadores, os saberes, fazeres e sabores com as receitas de produtos feitos com açaí, mandioca e miriti que fazem parte da cultura regional e geram renda para a comunidade. Também o artesanato, que marca profundamente a participação das mulheres dessa localidade na composição da renda familiar, o levantamento cartográfico e apresentações culturais que valorizam a cultura local.

O material cartográfico – produção de maquetes e mapas – foram produzidos com palmeira de miriti. A produção escrita sobre o histórico da comunidade, o levantamento do capital natural do Rio Xingu, resultou na cartilha ambiental da comunidade, traduzida como “cartilha de memórias da comunidade”, teve a participação do movimento dos ribeirinhos, que resistem a ocupação das ilhas por um grande empreendimento portuário, ainda produziram mosaicos com os caroços de açaí. Os trabalhos foram expostos e apresentados pelos educandos e fazem parte do acervo da Escola Santo Afonso.

Esta edição do DIMUAMA no Rio Xingu tem caráter único, por ser uma localidade com uma riqueza cultural imensa. Os saberes locais, antes repassados apenas de forma oral, foram sistematizados e registrados, através das falas de moradores antigos, que se emocionaram durante as entrevistas e nas diversas apresentações que foram realizadas. Destacamos ainda a apresentação do Boi-Bumbá Campo Verde, parte da tradição centenária da comunidade do Rio Xingu e que há muitos anos não se apresentava publicamente, essa prática foi revitalizada pelos educandos, com o envolvimento dos membros da comunidade, os quais socializaram os registros escritos nas histórias orais, bem como o envolvimento das mães dos educandos que demonstraram através da dança, exemplos da sociobiodiversidade da Amazônia.

Tais práticas demonstradas e reafirmadas no âmbito da escola, em parceria com as comunidades, comprovam o que dizem Ribeiro, Lobato e Alexandre (2017, p. 229), a “força pedagógica da cultura local no currículo”. E em se tratando de uma educação diferenciada, como a educação do campo, torna-se imprescindível que as relações entre os sujeitos e suas práticas sejam alicerçadas na dialogicidade (OLIVEIRA, 2012, p. 11).

A efetivação do DIMUAMA traz um novo sentido ao nosso trabalho à medida que as aulas deixaram de ser “transmissão de conhecimento”, para se tornar uma extensão da práti-

ca cotidiana dos educandos, desafiando o educador a construir uma proposta de ensino que permita o diálogo entre o saber docente e as experiências do mundo vivido pelo educando. Reconhecemos que não é fácil, pois são muitos encontros e desencontros, todavia, nos dá uma visão mais ampla da vida em comunidades ribeirinhas e suas territorialidades específicas.

Aprendizagens no Rio Panacuera

O Rio Panacuera, localizado na porção sul do ambiente insular, é totalmente dependente do regime das marés, haja vista que durante a baixa-mar é impossível as embarcações saírem ou entrarem no rio, pois o furo, que é o acesso principal, fica completamente seco. Este rio faz fronteira entre os municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri e divide a comunidade entre os dois municípios, por vezes ocorrem conflitos entre os moradores de ambas as margens do rio, por conta dos serviços públicos oferecidos ou não e da questão eleitoral municipal que os envolvem. Ali, o capital natural do rio e da floresta é a base de sustentação das famílias, provendo a renda, principalmente na época de safra do açaí, com um fluxo muito grande embarcações e de compradores do produto.

Nessa localidade, o projeto foi realizado nos meses de setembro e outubro de 2017, durante o terceiro módulo daquele ano letivo na E.M.E.F. Frei Paulino. Na primeira semana de setembro realizou-se reunião com a comunidade escolar e, após apresentação da proposta de trabalho para aquele módulo, definiu-se coletivamente a temática a ser trabalhada: “O Capital Natural do Rio Panacuera” e a partir de então as atividades pedagógicas buscaram relacionar os conteúdos do currículo formal à temática definida.

Coube às turmas do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental trabalhar temas das disciplinas Artes, Estudos Amazônicos e Geografia. Os trabalhos envolveram os conceitos de paisagem, o lugar e o espaço geográfico, por serem definidos como produtos da ação humana e que refletem a sociedade que o produziu (SANTOS, 1997). Para isso as equipes destacaram a importância social, econômica e cultural da floresta e do rio para a comunidade. Destacou-se ainda a importância cultural do açaí, que além de ser um produto básico na alimentação da população tem uma importância econômica, gerando renda e trabalho no período da safra; e o rio, que é a única via de acesso da comunidade às demais localidades e à cidade, o qual também é fonte de alimentação e de renda, destacando-se a pesca do camarão e de vários tipos de peixes.

Nas aulas, os conceitos trabalhados na disciplina de Artes ganharam formas e cores, com os recursos naturais encontrados na floresta e no rio Panacuera, presente nas aulas e sendo utilizados como matéria prima de produtos artesanais. Os alunos do sexto ano pesquisaram sobre os produtos que podemos fazer com o açaí e elaboraram um livro de receitas intitulado: “Gostosuras e doçuras de Açaí”; os alunos do sétimo ano elaboraram uma cartilha sobre a diversidade étnico-racial do Rio Panacuera; a turma do oitavo ano pesquisou sobre a cultura da comunidade destacando as festas tradicionais e a diversidade religiosa; os alunos do nono ano elaboraram um trabalho escrito em forma de cartilha intitulado: “O capital natural do Rio Panacuera”.

As turmas do Ensino Médio ficaram sob a coordenação dos professores Edinaldo Costa, Merian Nascimento de Abreu, Roseildo Farias e Tatiana Ribeiro Monteiro, sendo que no primeiro ano a professora Tatiana relacionou o conteúdo programático da disciplina à produção de açaí e do miriti e, durante as aulas práticas, os discentes construíram mosaicos utilizando impressionismo e pontilhismo, tendo como matéria prima o açaí e o miriti, produtos abundantes na comunidade. Nas disciplinas de Geografia e Sociologia, os professores Edinaldo Costa e Roseildo Farias, através de um estudo interdisciplinar, elaboraram junto com os alunos o trabalho intitulado: “Um olhar sobre o Rio Panacuera no mundo globalizado”, destacando o uso das tecnologias e as repercussões para o homem do campo.

As turmas do segundo e terceiro ano, sob a coordenação da primeira autora deste artigo, construíram um cenário sobre os impactos ambientais no Rio Panacuera. Assim, pesquisaram sobre o cultivo do açaí e de como esse fruto, antes nativo, hoje vem substituindo a floresta de várzea e dando lugar ao monocultivo nas ilhas de Abaetetuba. Também fizeram levanta-

mento sobre outras fontes de renda dos moradores, passando a uma elaboração estatística da população local. Por sua vez, os alunos do terceiro ano do ensino médio, junto à comunidade, participaram da oficina culinária ministrada pela docente, sobre os principais itens da dieta alimentar local, o que resultou na produção do livreto, “Gostosuras e doçuras de açaí e miriti”.

Durante a execução do projeto DIMUAMA na escola Frei Paulino percebeu-se uma mudança positiva em relação à participação e aprendizagem dos alunos. Notou-se que à medida que percebiam elementos de sua realidade nos conteúdos trabalhados em sala de aula, mais eles se envolviam e participavam das discussões e atividades propostas. Envolvimento este que era maior, quanto mais fossem os temas relacionados ao cotidiano, o que corrobora o argumento de Veiga (apud Lima, 2001) ao refletir sobre o currículo:

[...] O currículo é um instrumento de confronto de saberes: o saber sistematizado, indispensável à compreensão crítica da realidade, e o saber de classe, que o aluno representa e que é resultado das formas de sobrevivência que as camadas populares criam. Valoriza o saber de classe e coloca como ponto de partida para o trabalho educativo (VEIGA, *apud* LIMA, 2001, p. 4).

Retomando o projeto, sua culminância realizou-se no dia 31 de outubro de 2017. Na ocasião foi apresentada a comunidade escolar o resultado de tudo que foi sistematizado durante o primeiro módulo. Assim, foram realizadas apresentações artísticas e culturais, quais sejam: gincanas, mostra dos trabalhos realizados em sala de aula, degustação de bolos, doces, cremes, brigadeiros e pudins feitos com açaí e miriti, e, principalmente, foi demonstrado que a aprendizagem é um processo coletivo e, desse modo, deve envolver todos os sujeitos sociais, tendo em conta que o conhecimento é resultado dos saberes de várias gerações e de vários povos, e, portanto, fundamentais no processo educativo.

Considerações Finais

Neste texto tratamos sobre experiências pedagógicas desenvolvidas por meio de projeto, com base nas experiências cotidianas dos educandos do campo, buscando aproximar a educação desses contextos sociais. O exercício de buscar o diálogo por meio de projeto com base nos saberes e vivência dos educandos possibilitou a materialização de práticas mais dialógicas, condizentes com o contexto sociocultural em que vivem. Porém, entendemos que tal proposta foi apenas um pequeno passo, rumo a um ideal de educação e de um currículo real que dê sentido à vida daqueles que vivem no campo, cuja efetivação se dê de forma democrática e participativa. Torna-se imperioso entender a necessidade de se oferecer aos sujeitos do campo, oportunidade de participarem e contribuírem com outros conhecimentos visando uma sociedade com mais justiça econômica, ambiental e igualdade social.

Referências

ALMEIDA, A. W. B. **Terras de quilombos, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pastos: terras tradicionalmente ocupadas** (Coleção “Tradição e ordenamento jurídico”). 2. ed. Manaus: PGSCA–UFAM, p. 192, 2008.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (orgs). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, M. **A escola e o movimento social: relativizando a escola**. Revista da Associação Nacional da Educação - ANDE. São Paulo: Cortez, n. 12, ano 6, 2012.

CASTRO-GOMEZ, S. Ciências Sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro.

In: **Colonialidade do Saber, Eurocentrismo e Ciências Sociais Perspectivas Latino-americanas**. Organização LANDER, E. Buenos Aires: Clacso, p. 169-186, 2005.

CAVALCANTE, L. O. H; VERGUTZ, C. L. B. As aprendizagens na Pedagogia da Alternância e na Educação do Campo. In: **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, p. 371-390. Jul./dez 2014.

COELHO, W. N. B.; SANTOS, R. A.; SILVA, R.M.N.B. **Educação e Diversidades na Amazônia**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

DIEGUES, A. C. S. **Sociobiodiversidade. Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005.

GHEDIN, E; BORGES, H. da S. **Educação do Campo: a epistemologia de um horizonte em formação**. Manaus: UEA Edições, 2007. Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

INGOLD, T. **The Perception of the Environment. Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge, 2000.

LAVE, J. **Aprendizagem como/na prática**. Revista Horizonte antropológico do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/horizontesantropologicos/about>. Acesso em: 12 de fev. de 2020.

LIMA, E. de S. Currículo das escolas do campo: perspectivas de rupturas e inovação In: LIMA, Elmo de Souza; SILVA, Ariosto Moura da. **Diálogos sobre Educação do Campo**. Teresina: EDU-FPI, 2011.

OLIVEIRA, I. A. **Educação no campo na Amazônia: bases socioculturais, epistemológicas e matrizes educacionais**. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas-2012.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Sustentabilidade em Debate**. Brasília, v. 5, n. 3, p. 159-168, set/dez, 2014.

SAHLINS, M. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

TOLEDO, V. BASSOLS, N, B. **Memória Biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Icaria editorial, s.a. Barcelona: España, 2008.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VELHO, O. Diversidade cultural e a CT & I com desenvolvimento social. In: Almeida, A. W. B de (Org.) [et. al]. **Conhecimentos tradicionais e territórios na Pan-Amazônia**. Projeto Nova Cartografia Social. Manaus: UEA Edições. vol 1, n. 1, p. 2-25.